salto.
n grupo de terroristas fo-
m um Volks e um Corcel.
rde. Um morador da Ala-
ona para a Polícia:
ks abandonado quase na
placa da frente é núme-
is tem número diferente:

a madrugada. Fazia muito
édio n.o 433. O velho vigia
Carvalho empurrou mais o
ou as costas para o vento
. Quase morreu de susto:
los de fuzis e metralhado-
ando-se dêle.
á mais calmo, Antônio deu
da RONE — Rondas No-
— para se esconderem
lio. Outros policiais entra-
sa em frente. E ficaram à
as. Em frente ao prédio
a pista, estava parado um
abia que os carros tinham
lto ao Bradesco.
ã de ontem. O vigia Antô-
rão Paulo de Oliveira, que
ndo os terroristas. O dono
a colaboração possível.
ã de ontem. Muitos poli-
los em frente ao prédio
a esquina da avenida Pau-
Campinas. No prédio, fun-
da organização imobiliária
da agência acham que a
ando os negócios. Alguns
os para o DOPS.
tem. Está começando a es-
da Paulista com Alameda
ens bem vestidos saem da
encaminham para o Cor-
te ao 433. São os terro-
gando.
is engatilham seus fuzis e
os homens. A resposta são
revólveres. A polícia está
, o terceiro foge correndo
s, em direção à rua Pam-

êm dois presos. Os terro-
no tiroteio. São removi-
das Clínicas, que fica in-
o. Os homens do DOPS,
gado Sérgio Fleury, se es-
stão á espera dos que vi-

esquina da Alameda San-
plona. Leonardo Gagleano
placa 46-75-37, á espera do
— Desçam. Eu quero o carro.

O homem está com um revolver na mão. O sinal verde acende para Leonardo que acelera, tentando fugir. O homem do revólver dá o primeiro tiro. Leonardo tira o pé do acelerador e se abaixa, no volante. O carro, desgovernado, bate na traseira do Karmann-Ghia amarelo, plara 25-69-48, que saía da garagem, dirigido por Emir Santos Macedo.

O homem do revólver dá outro tiro a bala ricocheteia no vidro traseiro, o homem consegue abrir a porta de Leonardo e arranca-o do assento. Leonardo vê a arma quase encostada em seu nariz. E corre. Desgovernado, o Gordini bate de frente no táxi verde, placa .. 52-81-89, que estava parado no meio da rua Pamplona.

O motorista do táxi, Elias de Lima, levava um passageiro para a cidade. Quando viu o homem do revólver arrancar Leonardo do volante freou seu carro.

Laerte V. Bernal, dirigia seu Volks, placa 18-82-34, logo atrás do táxi. Não viu a cena dos tiros no Gordini. Quando o táxi freou na sua frente, não conseguiu parar e bateu com seu carro na traseira do táxi. Desceu reclamando. Queria saber o que houve.

São 18,30 h, em frente ao n.o 819, na rua Pamplona. Laerte chega perto de Leonardo que está fugindo do homem com o revólver. Ninguém lhe responde, quando pergunta:

— O que está acontecendo?

Quando Laerte olha para o homem com o revólver já é tarde: êle acaba de acertar-lhe um tiro. Laerte grita e sai cambaleando em direção á calçada. Entra no supermercado em frente. O gerente traz uma cadeira. A balconista Aparecida Natália da Silva pega Laerte pelo braço. E grita:

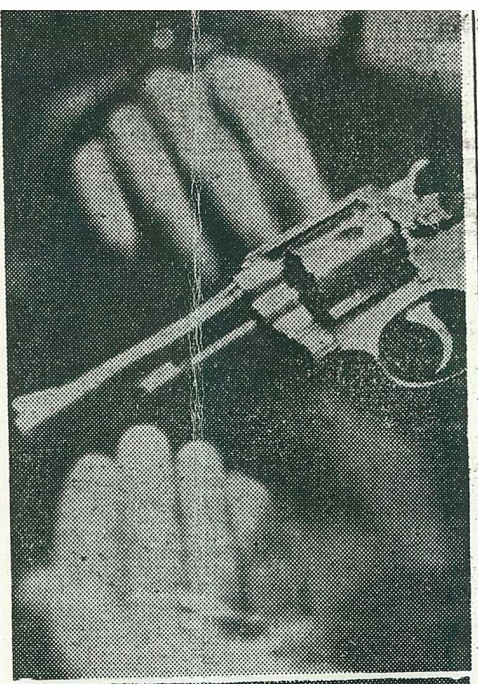
— Êle está ferido. Vamos levá-lo para o Hospital.

Na rua, o homem do revólver corre para um Corcel vermelho dirigido por uma mulher que olha a cena, traumatizada. O Corcel está parado, nenhum carro na frente. O homem do revólver abre a porta, dá um empurrão na mulher e foge.

No mesmo momento, na Alameda Campinas. Quatro homens se aproximam do volks de placas diferentes. E o tiroteio do Corcel se repete. Um dos terroristas cai, com uma bala no peito. Dois se entregam. O quarto corre pela avenida Paulista, em direção á Alameda Joaquim Eugênio de Lima. São 18,35 h.

Minutos antes, na rua Higienópolis. O rádio da RP-22 chama:

— Houve uma colisão na esquina da Alameda Santos com a Joaquim Eugênio de Lima.



saca o revólver e começa a atirar. Os guardas respondem ao fogo. O terrorista cai com um tiro na perna. Está prêso o sexto homem do terror. Só escapou o que roubou o Corcel vermelho e levou a motorista, na rua Pamplona.

18h55m , na rua Luxemburgo. O rádio da RP-101 começa a falar:

— Há um homem armado na rua Pamplona, em frente ao n.o 819.

Cinco carros da Rádio-Patrulha recebem a mesma ordem. O transito está paralisado na rua Pamplona. Minutos antes, ao mesmo tempo em que o terrorista assaltava o Gordini, em sua fuga, o ladrão de carros Manuel Lucas de Souza estava tentando roubar um Alfa-Romeo, na rua Pamplona.

Não chega a entrar no carro. Alguém desconfia dêle e está gritando:

— Pega ladrão. Pega ladrão.

Manuel corre, atravessa a pista da avenida Paulista e continua a correr pela rua Pamplona, em direção á Alameda Santos. Na esquina, Alcides Raimundo Nascimento está parado, esperando sua irmã que trabalha nas proximidades. E olhando a cena do terrorista assaltando o Gordini.

No meio da confusão, êle vê, de repente, Manuel, o ladrão correndo pela rua abaixo. E sai atrás. Mas fica cansado e desiste. Volta para ver o que está acontecendo com o homem que foi baleado.

Mas o zelador do prédio 788, José Pereira dos Santos, que acabava de chegar e não tinha visto a confusão, começa a correr atrás de Manuel. Explicou depois:

— êle passou correndo. Eu corri atrás.

Só parou de correr um quilômetros adiante, na Alameda Santos, quando Manuel entrou numa construção. Então, o zelador chamou a polícia. Uma RP levou Manuel para uma casa vazia ao lado do n.o 819. Alí, o ladrão de carros começou a apanhar. Entre uma bofetada e outra, os guardas gritavam:

— Confessa, vagabundo, tu é terrorista.

19h20 m, na sede da 4.a Delegacia, rua Frei Caneca. Leonardo, sua amiga Ana Maria, o motorista do táxi, o zelador José Pereira dos Santos, Alcides Raimundo Nascimento e o ladrão Manuel estão contando o que aconteceu.

O ladrão vai para uma sala nos fundos. Tem os cabelos vermelhos completamente despenteados.

Com exceção do motorista do táxi, ninguém consegue descrever o homem do revólver.

— Eu só queria ir para casa tomar banho,

o Gordini. Que êle era o terrorista e que
vários tiros contra êle e contra o zelador Jos
Pereira dos Santos.

Mas o motorista do táxi Elias de Lim
se lembra bem do terrorista:

— Êle era alto, môço, magro, estava d
terno escuro, gravata e tinha cabelos liso
castanhos.

20h15m. Com uma sirene ligada, chega u
carro do DOPS. Cinco policiais, armados co
fuzis descem e começam nôvo interrogatóri
em Manuel. Quando êle sai da sala dos fu
dos, está com o rosto e o pescoço cheio d
marcas vermelhas.

São 21h15m, na 4.a Delegacia. Eli Batist
Guastapaglia, um homem louro, alto, cheg
muito nervoso. E conta:

— Quatro pretos, na esquina da rua Pam
plona com Alameda Rio Claro, acabam de m
assaltar. Levaram meu Corcel, placa 44-06-39.

No DOPS, mais tarde, Manuel afirm
va que estava dirigindo o Gordini, quand
houve a batida no táxi. A polícia encontro
em seu poder um revólver calibre 22, carreg
do com seis balas tipo **dum-dum,** intactas.

Segundo o DOPS, os fatos ocorridos na r
Pamplona, nada têm a ver com as cenas
Alameda Campinas. E explicam que o home
que estava com o revólver, baleou Laerte
fugiu no Corcel vermelho era um companhei
do ladrão Manuel.

23h, no DOPS. A polícia já levantou os n
mes dos seis terroristas presos durante os
roteios na Alameda Campinas e descobriu
locais que podem ser **aparelhos.** Quatro dêss
lugares já tinham sido vistoriados e ali os p
liciais encontraram armas, munições e mater
subversivo. Cêrca de 20 pessoas, encontrad
nesses endereços, foram presas.

Para o DOPS, o japonês prêso no tirote
com a RP-22 é um dos autores do atenta
contra a Rádio Patrulha do Conjunto Nac
nal, na sexta-feira, quando um dos policiais
baleado na nuca. Os agentes do DOPS susp
tam, ainda, que os outros cinco presos tamb
participaram do atentado do Conjunto N
cional.

Ao todo, cêrca de 100 policiais do DO
participaram dos tiroteios. A partir das 18h3
de ontem, ficaram no prédio apenas os ind
pensáveis á segurança do local e alguns
legados que coordenavam os serviços pelo
dio. Agora, a Polícia quase tem certeza de q
foi formada uma frente unica de todos os
mentos da esquerda radical: os seis presos p
tencem a várias linhas de esquerda, entre e
a Ala Vermelha e a Vanguarda Popular
volucionária — VPR.

Com o ladrão Manuel Lucas, denunciado pelo zelador José Pereira dos Santos (foto maior), foi encontrado um revólver calibre 22. Leonardo Gagleano (foto menor), dono do Gordini, escapou de dois tiros dados por outro homem, que a polícia não sabe se era